



Desabrigados esperam movimento diminuir para encontrar algum cantinho mais quente para dormir

RODOVIÁRIA DO PLANO PILOTO

O lar dos excluídos

ALÉM DE SERVIR COMO PONTO DE PARTIDA E CHEGADA DE MUITOS MORADORES DE BRASÍLIA, O LOCAL ABRIGA PESSOAS QUE NÃO ENCONTRARAM UM RUMO PARA SUAS VIDAS E SOFREM VIOLÊNCIA, DE FOME E DE FRIO

Fernanda Scavacini

O lugar é o ponto de partida de trabalhadores, estudantes, idosos e desempregados. É o ponto de chegada dos que têm para onde ir e o ponto final para quem já não possui mais esperança. A Rodoviária do Plano Piloto não é apenas parada de ônibus, mas também serve como abrigo aos que não têm um lar. Nos três pavimentos do terminal rodoviário, pessoas de todas as nacionalidades trafegam durante o dia e, na parte da noite, o chão é feito de cama, a mala de roupas se transforma em travesseiro e o frio chega como companhia na hora de dormir.

Histórias de cidadãos de Minas Gerais, Piauí, Goiás, Per-

nambuco e outros estados brasileiros se cruzam na Capital Federal. São pessoas diferentes, mas cujo destino teve o mesmo resultado: morar na Rodoviária. Quando o dia acaba e os ônibus, aos poucos, vão diminuindo a circulação, eles tomam conta dos cantinhos, dos espaços onde faz menos frio. Com cobertores velhos, sujos e menores que os corpos, os desabrigados procuram tapear a baixa temperatura.

A moradora de rua Anny Conceição de Oliveira, 18 anos, representa uma parte do sofrimento vivido no terminal rodoviário. Aos onze anos, ela fugiu da casa de sua família, em Florianópolis (PI). Maltratada pelo padrasto, ela resolveu tentar a sorte no cerrado candango. Para

realizar o desejo, a pequena corajosa enfrentou 12 dias de viagem e, sem nenhum dinheiro, teve de pegar 16 caronas para conseguir completar o percurso.

As dificuldades não pararam por aí. A aventura de Anny estava apenas começando. Depois de pisar no Planalto Central ela precisou ter forças para sobreviver sem uma família ou um lugar fixo para residir. "Eu fiquei com medo. Não sabia para onde ir. Mas precisava ter saído de casa, não queria prejudicar o casamento da minha mãe. O marido dela era bom para o povo lá em casa, só que não conseguíamos nos entender", lembra com tristeza.

"Quando cheguei em Brasília, logo precisei aprender as leis da rua. Aqui, a gente tem que

seguir as nossas próprias regras", conta. De acordo com Anny, existem três pontos importantes que jamais devem ser esquecidos pelos desamparados. O principal é o "X-9", expressão que nomeia a pessoa que delata um companheiro. Em seguida, vem o abuso sexual às mulheres, mais conhecido como "Jack". O último e, não menos grave, é o "banhista", nome dado aos que roubam entre eles.

Assim como montam os próprios códigos de condutas, os moradores de rua também estipulam uma punição aos que os infringem. "Quem não anda na linha, apanha de todos os companheiros e fica excluído. Nós andamos em grupo, mas este tipo de pessoa tem de se virar sozinho", enfatiza. Antes de

pensar nas penalidades sofridas pelos infratores, a piauiense conta das lutas para conseguir comida. "Às vezes algumas pessoas passam aqui e doam. Quando isso não ocorre, vamos aos restaurantes do Setor Comercial Sul, na parte da tarde, e eles nos dão os restos do almoço", detalha.

No decorrer dos anos, Anny conheceu um homem 11 anos mais velho. Em pouco tempo ela resolveu morar junto com seu novo amor. O que poderia ser um conto de fadas não teve um final feliz. No início tudo era maravilhoso. Aos 16 anos, ela tinha de novo um teto para dormir e dinheiro para comer sem precisar pedir. Seu companheiro trabalhava em um hospital e juntos conseguiram comparar matéria prima para Anny fazer

artesanatos e vender.

A adolescente engravidou. Tudo ia bem, até a criança nascer. "Ele começou a criar problemas e discutia muito. Peguei minha filha (de um ano) e voltei para as ruas. Meu ex-marido juntou minhas coisas e vendeu. Tudo que era meu ele deu um jeito de se livrar", lamenta.

Hoje, há seis meses de novo na Rodoviária, a jovem de 18 anos quer um futuro bem melhor para sua menina. "Querida que minha filha tivesse um lugar quentinho e confortável para dormir. Um daqueles que a gente não precisa ficar a noite toda acordando por causa do barulho dos carros ou do frio. Quero mostrar para ela que existe uma realidade bem melhor do que isto aqui", sonha.

Bebida e drogas são rotina durante a noite

Anny é apenas mais uma entre muitos que querem sair desta vida. Com um semblante cansado de tentar acreditar e buscar uma saída, os moradores da rodoviária apelam para a fé e rezam. "Sei que Deus olha por todos nós. Sei que ele está aqui. Eu preciso acreditar nisso e só ele sabe o que faz", confessa a jovem que fugiu de casa. Assim como ela, existem pessoas como o mineiro João Benedito Teixeira de Melo, 43 anos. Natural de Paracatu, o pedreiro saiu a dois anos de sua cidade para conseguir tratamentos nos hospitais públicos do Distrito Federal.

Depois de chegar, ele conseguiu alguns empregos temporários e um quarto na Ceilândia para dormir. As oportunidades foram acabando, com isso o dinheiro sumiu. Sem condições financeiras, a solução foi voltar para o ponto de partida de sua história: a Rodoviária do Plano Piloto. Lá, João dorme e acorda. Ele carrega para cima e para baixo a pequena mala verde com o único par de sapatos velhos, três calças e quatro camisas.

Quando conta sobre suas vontades, o homem é taxativo. "Quero conseguir verba para ir a Uberlândia, onde moram minhas irmãs. É com elas que quero passar o resto da minha vida", diz ele depois de contar sobre o problema do coração e a pressão alta. Além de outras dificuldades com a saúde, o



pedreiro também é soropositivo.

Enquanto pessoas como João conseguem enxergar a realidade, outras buscam esquecer a tristeza nos copos de bebida ou nas drogas. Aparentemente alcoolizado, Sebastião Rodrigo da Silva, 24 anos, não consegue parar de rir da própria situação. Para o ex-morador de Belo Horizonte, ele só está nesta vida porque quer. "A hora que eu resolver, mudo", diz.

Antes de ir para as ruas, trabalhava como carregador de uma empresa na Estrutural e ganhava um salário mínimo. Várias discussões com o patrão o fizeram pedir demissão. Agora ele vigia carros e não tem uma renda certa no final do mês. Com a confiança de quem não está totalmente lúcido, ele também espera coisas me-

lhores para o futuro. "Se eu ganhasse muito dinheiro, a primeira coisa que faria é comprar um gás para fazer comida. Depois ia atrás de uma casa. Qualquer lugar mais quente do que este", se refere ao viaduto da Rodoviária.

Assim como Sebastião, muitas pessoas também recorrem a estímulos químicos para resistir ao dia-a-dia. A fome, muitas vezes é enganada com as bebidas alcoólicas, cigarros e drogas. O consumo é alto e traz medo aos frequentadores. "Sempre tem briga por aqui. Eles andam bêbados demais e acabam quebrando os vidros, bandejas e outras coisas", diz o funcionário de uma das lanchonetes com funcionamento 24 horas, Oswaldo de Oliveira, 24 anos. De acordo com o trabalhador, mesmo com dois postos de polícia no local, depois das 2h da madrugada, a segurança não é mais feita.

Conforme o sargento Rubens Souza Santos, do Posto da Polícia Militar, sete soldados são responsáveis por garantir a integridade das pessoas durante a madrugada. "Fazemos cerca de cinco ocorrências por noite. A maioria é de roubos e brigas. Eu acredito que as confusões sejam provocadas pela embriaguez. A venda de bebida aqui na rodoviária foi considerada ilegal, mas os camelôs não respeitam a ordem", afirma o sargento.



Mesmo com a oportunidade de viver em abrigos, eles preferem a rua

Governo tira mendigos, que acabam voltando

De vez em quando, um mutirão é realizado no local para retirar os moradores. A ação é coordenada pela Secretaria de Ação Social, com o apoio das Administrações de Brasília e da Rodoviária, além do Centro de Desenvolvimento Social (CDS), o SOS Criança e a Vara da Criança e Juventude.

Antes de executar a "limpeza", a Administração de Brasília faz um levantamento sócio-econômico para saber qual é a realidade das pessoas residentes no terminal de ônibus. O relatório é composto por informações sobre o

motivo que os leva para as ruas, se essas pessoas possuem residência ou parentes nas proximidades do Distrito Federal e para onde elas têm vontade de ir.

De acordo com a assessoria da Administração, a operação é feita uma vez por semana, mas o resultado não é tão eficaz porque os desabrigados acabam voltando para o mesmo lugar de onde foram retirados. "Lá, eles ganham esmola e muitas instituições de caridade levam comida e outros tipos de ajuda. Isso incentiva a permanência deles", afirma o chefe de fiscalização da Rodoviária, Ri-

chard Christian Aufpeen.

Com base no direito de ir e vir, garantido pela Constituição Brasileira, as instituições responsáveis pelo movimento não podem impedir o retorno dos sem-teto. Mesmo assim, os adultos são incentivados a irem para albergues, casa de conhecidos ou preenchem um cadastro pelo CDS, para ganhar uma passagem de volta para a cidade de origem. A situação das crianças e adolescentes que são levados pela Vara da Infância e da Juventude é analisada, tendo como destino mais provável o encaminhamento para orfanatos.